

DA ÁFRICA AO BRASIL NAS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ



Ludovico Muniz Lima
Mariluza Sartori Deorce

IFES 2018



Ludovico Muniz Lima é Mestre em Ensino de Humanidades pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes). Bacharel em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Professor de Capoeira Angola formado pelo Grupo de Capoeira Angola Volta ao Mundo (GCAVAM). Atua no campo da educação desenvolvendo pesquisa para as relações étnico-raciais e nas interfaces Educação/Capoeira e Educação/História e cultura afro-brasileira, por meio de práticas educativas destinadas à implementação da Lei nº 10. 639/2003 nas escolas.



Mariluz Sartori Deorce é doutora em Educação (PUC-SP). Mestre em Pedagogia Profissional (UFSC, 2007). Especialista em Planejamento Curricular (Universidade Salgado Filho-Assoec, 1989) e em Educação Ambiental (UCB, 2007). Possui graduação plena em Geografia (UFES-ES, 1985). Atua como docente no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) desde 1992, integrando o Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Ensino de Física (MNPEF) *campus* Cariacica e o Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades (PPGEH) do *campus* Vitória. Tem experiência com os temas currículo, diversidade, questões étnico-raciais, educação ambiental, EJA e espaços não formais de educação .

Sumário

Apresentação.....	2
Você conhece a Capoeira?.....	3
As origens da Capoeira.....	6
“Navio negreiro, de Angola chegou”: A Capoeira nos tempos de escravidão.....	11
A Capoeira do século XX aos dias atuais.....	23
Referências.....	33

Apresentação

Salve, salve camaradas! Estou certo de que, diante deste livro, se encontram pessoas de espírito ativo e, com certeza, de mente sagaz, curiosa. Devo dizer que, mais do que nunca, o que precisamos neste “mundo velho grande” é dessa sagacidade. Afinal, é como escreveu uma vez um grande mestre da Capoeira e filósofo da vida, “seu” Pastinha:

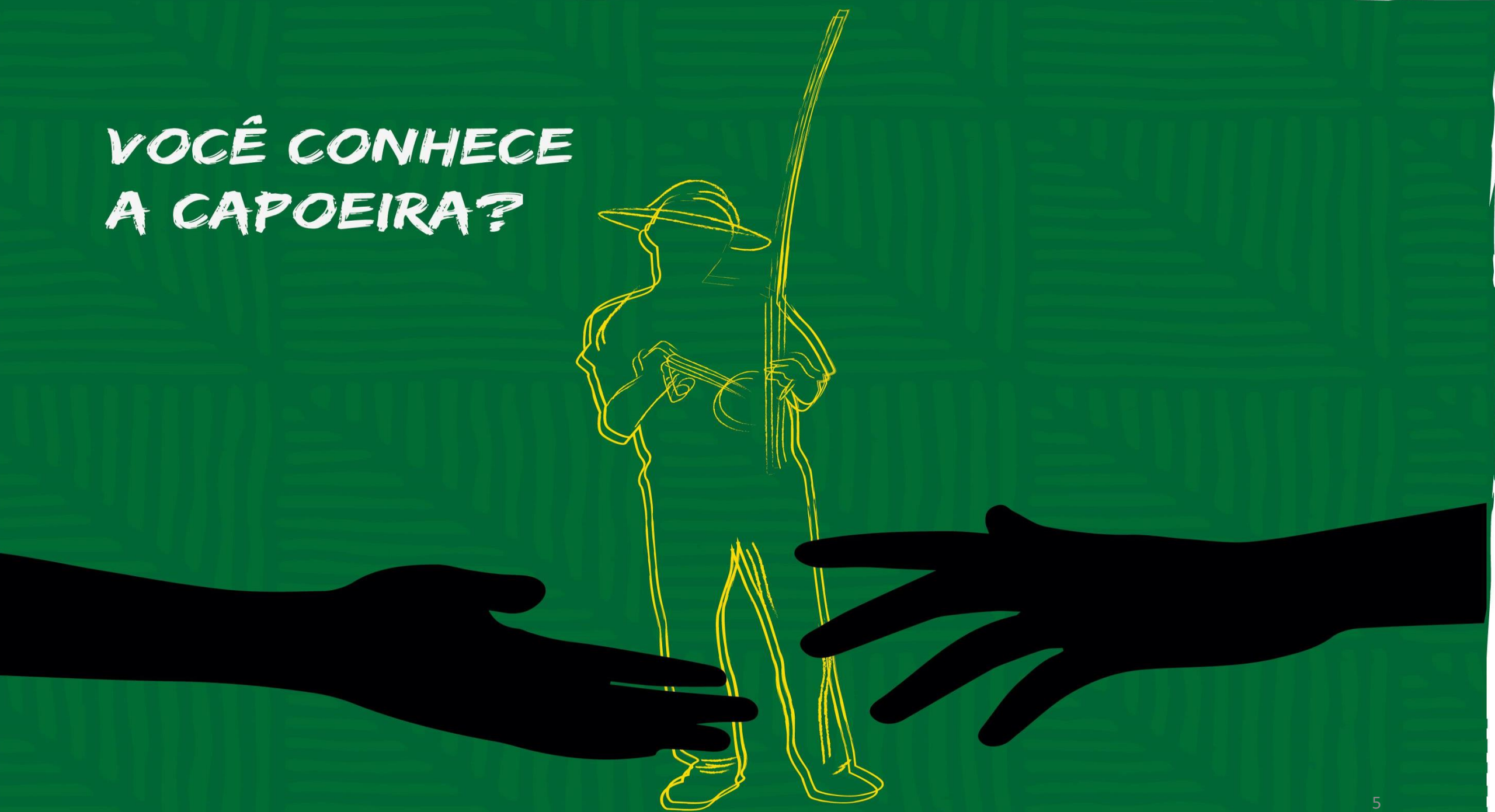
“devemos conhecer a ação do pensamento, é o poder da vontade. É o meu desejo, é evoluir, estou na obrigação de atravessar as fases, infância, a mocidade e à minha idade estar bem atento, sempre um agente ativo e forte, e sempre capaz, pronto e disposto”

(Vicente Ferreira Pastinha: 1889-1980)

É com essa vontade de conhecermos, juntos, a ação do pensamento que os convido neste livro para uma viagem pelo universo da Capoeira. Um universo repleto de sabedoria, história, cultura, arte e filosofia, mas que também traz consigo seus mistérios lendas e segredos.

Portanto, nas próximas páginas estejamos ativos, capazes e dispostos, como nos diz mestre Pastinha, para aprendermos com esses saberes e conhecermos, enfim, o que é a Capoeira e o que ela tem a nos ensinar.

VOCÊ CONHECE
A CAPOEIRA?



Você conhece a Capoeira? Já viu, alguma vez, uma roda de Capoeira na sua escola, no seu bairro, na sua cidade, em programas de televisão ou em vídeos no computador?

Figura 1 – Roda de Capoeira na EMEF Edna de Mattos Siqueira Gáudio, Vitória-ES



Fonte: Acervo do Grupo de Capoeira Angola Volta ao Mundo (GCAVAM), 2019.

Figura 2 – Capoeira Patrimônio da Humanidade



Fonte: UNESCO, 2014.

Se, acaso, já tenha visto, ouvido falar, ou mesmo participado de uma roda de Capoeira, saiba que ela é hoje o patrimônio cultural do Brasil e da Humanidade, reconhecida no mundo todo como uma expressão cultural de grande valor para a história humana.

Mas a verdade, camarada, é que nem sempre a Capoeira foi assim tão bem reconhecida como é hoje. De crime previsto no código penal brasileiro a patrimônio cultural imaterial da humanidade, a Capoeira passou por vários percalços em sua trajetória até os dias de hoje. Momentos de sofrimento, de injustiça e de luta, mas também de alegrias, vitórias e reconhecimento.

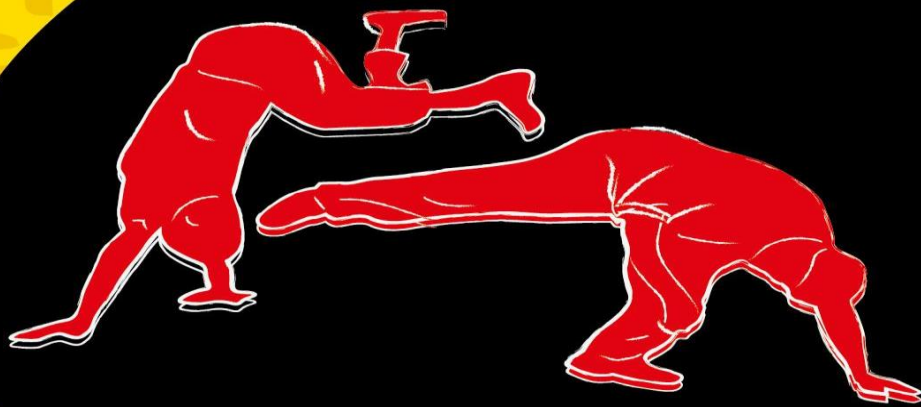
Hoje praticada em mais de 160 países, a Capoeira, esta mistura de jogo, luta e dança, dá ao mundo uma lição de superação das injustiças e de construção de uma sociedade melhor. Por quê? Bem, para respondermos a essa pergunta, vamos conhecer um pouco mais das suas origens e história.

Figura 3 – Roda de Capoeira, Pierre Verger



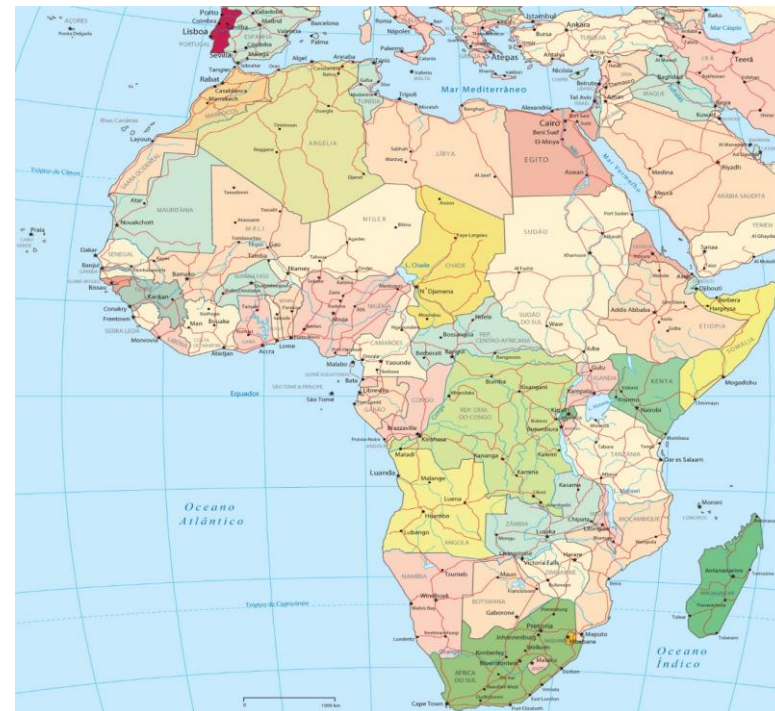
Fonte: IPHAN, 2020.

AS ORIGENS DA CAPOEIRA



Para falarmos da história da Capoeira, começamos lá de muitos anos atrás, na verdade, centenas de anos. Partimos de um tempo que antecede a chegada dos portugueses ao Brasil, em 1500. Naqueles tempos, se aqui em nossa terra viviam milhares de povos originários, havia também, em outras partes do mundo, inúmeros outros povos com seus saberes, culturas e histórias. Entre essas outras partes do mundo, está uma terra de grandes proporções geográficas, repleta de paisagens magníficas, que chamamos hoje de continente africano.

Figura 4 – Mapa político do continente africano



Fonte: Guia Geográfico, 2020.

E você já ouviu falar sobre o continente africano? Já estudou sobre ele na escola? Escreva um pouco sobre o que você conhece da África.999

E por que falar de África quando falamos sobre a Capoeira? É simples, a Capoeira é uma expressão cultural afro-brasileira, ou seja, uma prática desenvolvida por povos africanos no Brasil e posteriormente por negros brasileiros descendentes destes povos.



O que havia nas longínquas terras africanas que possa ter originado a nossa Capoeira de hoje? Seria a Capoeira já praticada pelos povos que lá viviam? Trouxeram-na pronta? Ou foram esses povos, desenvolvendo-a aqui no Brasil, por meio de outras danças, lutas e jogos, que praticavam em sua terra natal?

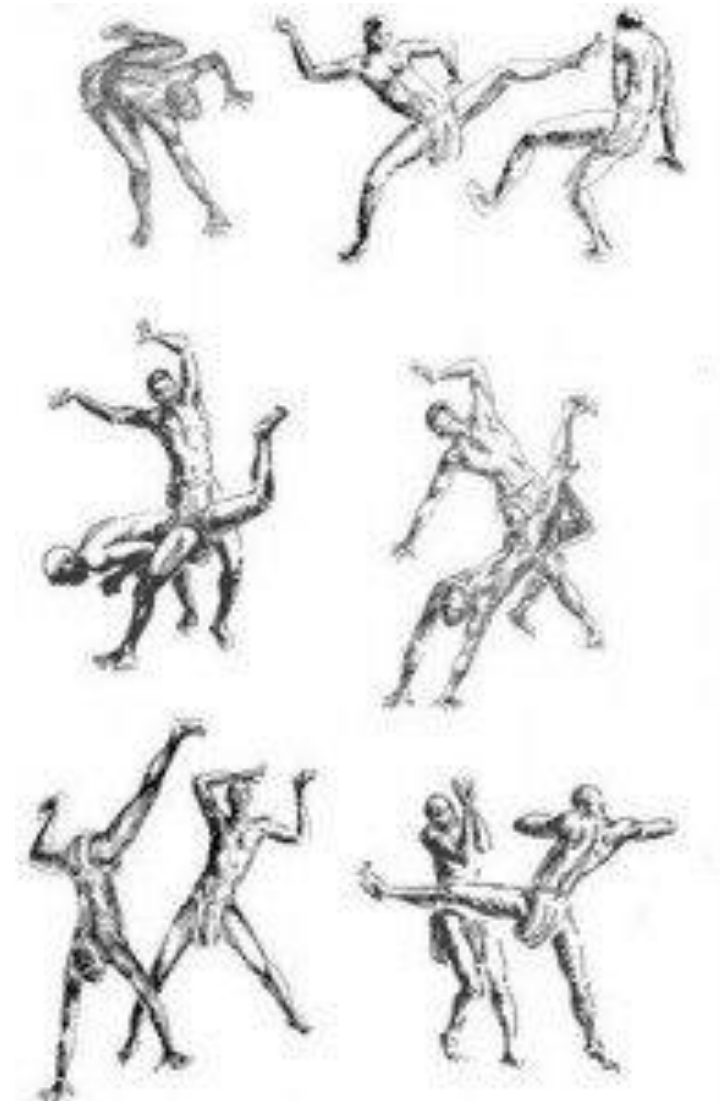
Na região sul de um país africano chamado Angola, existe, por exemplo, uma luta chamada N'golo, ou também conhecida como dança da zebra, na qual os participantes usam os pés para realizar movimentos de ataque e defesa baseados nos movimentos das zebras.

Figura 5 – Angola destacada em vermelho



Fonte: Wikimedia, 2020

Figura 6 – Ilustração da luta N'golo



Fonte: Traditional Sports, 2020

Mestre Pastinha, aquele de quem lá no começo do livro pegamos uma fala emprestada, chegou a dizer uma vez que essa tal dança da zebra poderia até ser uma das “parentes mais velhas da capoeira”:

"Mas tem muita história sobre o começo da capoeira que ninguém sabe se é verdadeira ou não. A do jogo da zebra é uma. Diz que em Angola, há muito tempo, séculos mesmo, fazia-se uma festa todo ano em homenagem às meninas que ficavam moças. [...] Depois enquanto o povo cantava, os homens lutavam do jeito que fazem as zebras, dando marradas e coices." (Mestre Pastinha, 1969)

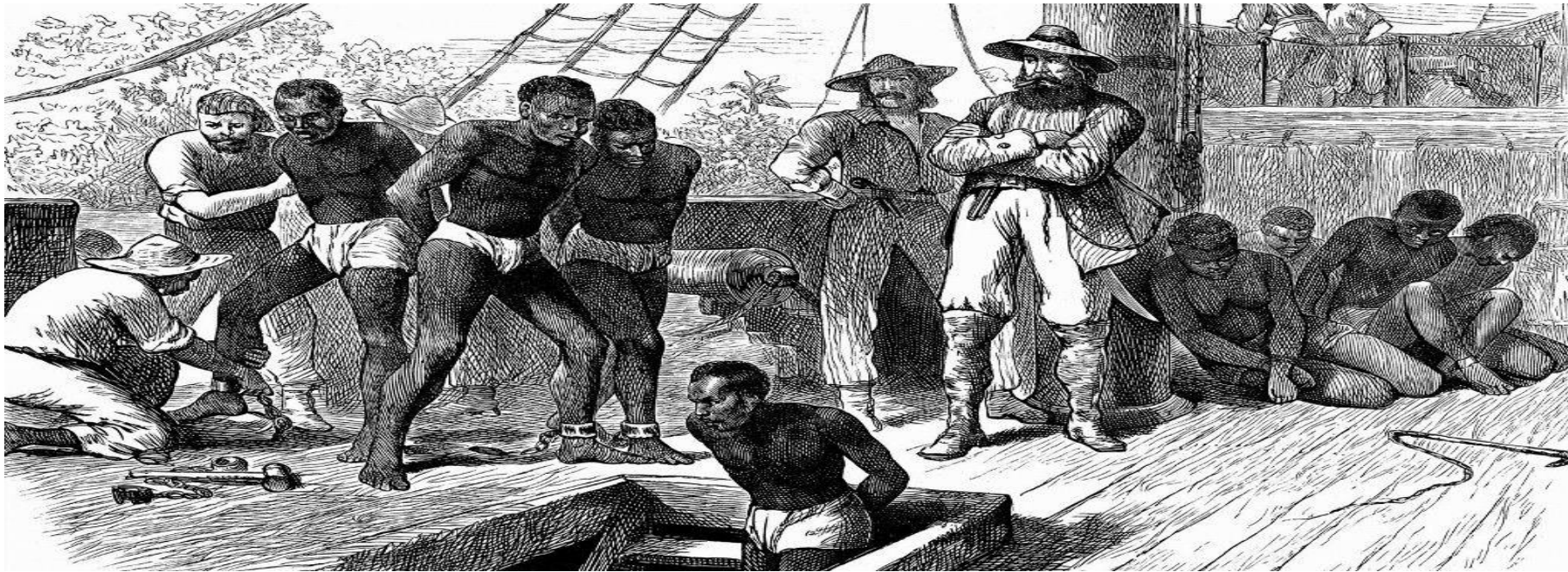
***E você? Que outras lutas e danças conhece do continente africano? Se não conhece, pesquise com seus amigos, professores e familiares! Uma maneira divertida e educativa de passar o tempo e saber mais sobre a cultura africana que tanto nos influencia aqui no Brasil!**

"NAVIO NEGREIRO,
DE ANGOLA CHEGOU"
A CAPOEIRA NOS
TEMPOS DA ESCRAVIDÃO



o continente africano, invadidas pelos europeus). A chegada dos povos africanos ao Brasil se deu de maneira triste. Países europeus cruelmente invadiram, roubaram e sequestraram diversos povos africanos, arrastando milhões de pessoas contra sua vontade para longe de sua terra natal, separando famílias e amizades para sempre, era a chamada época da Escravidão. Amontoadas nos “navios negreiros”, estas pessoas se viram forçadas ao trabalho escravo nas colônias (terras, assim como Uma delas, o Brasil).

Figura 7 – Ilustração, Navio negreiro



Fonte: Canal Ciências Criminais, 2020

PRINCIPAIS ROTAS DO TRÁFICO



Figura 8 - Mapa do tráfico de pessoas escravizadas do século XIV ao século XIX.

Fonte: www.diadaeducação.pr.gov.br, 2020

O mapa mostrado na página anterior traz algumas informações importantes sobre o tráfico de pessoas da África ao Brasil entre os séculos XVI e XIX. Com base nessas informações, responda às seguintes perguntas:

Quais são os continentes para onde foram levadas pessoas da África? (Dica: observe as setas do mapa.)

De quais cidades vieram os Africanos que foram trazidos para o Brasil? (Dica: Observe os pontos e setas que partem do continente africano no mapa.)

Para quais cidades brasileiras vieram os navios negreiros que partiram do continente africano? (Dica: Observe os pontos do mapa assinalados no Brasil.)

Se continuarmos estudando o mapa da página 13, vamos descobrir que ele traz mais algumas informações importantes. Reúna-se com amigos e amigas, professores ou familiares e conversem sobre essas informações, elas são muito importantes para entendermos a história do povo africano no Brasil e no mundo. Escreva um pouco sobre o que mais vocês descobriram estudando o mapa.



Cantiga de Capoeira

“Capoeira é uma arte
Que o negro inventou
Foi na briga da duas zebras
Que o N’golo se criou
Chegando aqui no Brasil
Capoeira se chamou
Ginga e dança que era arte
Em arma se transformou
Para libertar o negro da senzala do senhor
Hoje aprendo essa cultura
Para me conscientizar
Capoeira de Angola
Com você quero jogar,*
Camaradinha”
(Mestre Moraes)

Figura 9: “San Salvador”, Johann Moritz Rugendas
Fonte: Barão em Foco, 2020

A cantiga que vimos na página anterior retoma aquele assunto sobre o N'golo ou a dança da zebra e diz que, chegando aqui ao Brasil, os negros africanos a transformaram na Capoeira, assim como mestre Pastinha disse ter ouvido também. As cantigas da Capoeira, cantadas durante as rodas, sempre animadas pelo som dos instrumentos e pelos belos jogos entre os participantes, ensinam-nos muito sobre história e cultura, são como livros, filmes ou mesmo aulas e têm muito valor e importância no nosso processo de aprendizagem!

Outra coisa muito importante que a cantiga que vimos na página anterior traz de informação é que os africanos dos diversos países que chegaram ao Brasil usaram a Capoeira para se libertarem da “senzala do senhor”. O que será que isso quer dizer?

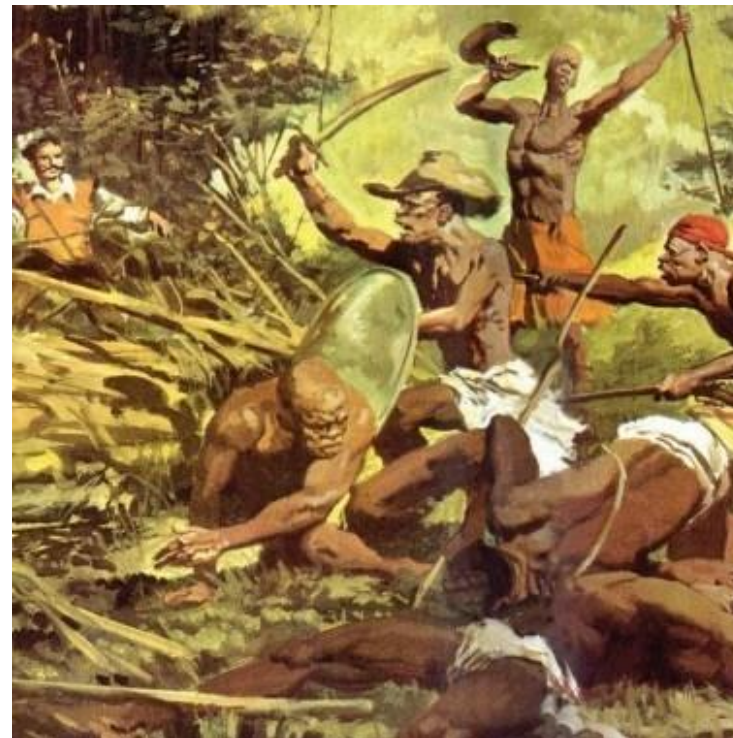
O povo negro, mesmo levado para longe de sua terra natal na África, nunca se entregou ao regime de escravidão. Ao contrário, resistiu bravamente! São muitos os registros de revoltas, fugas de senzalas e formação de quilombos ocorridos no Brasil. Nesse contexto, a Capoeira foi um dos elementos que estiveram presentes na luta negra pela libertação.

Figura 10 – Consciência negra, Bruno Latuff



Fonte: CMT, 2006

Figura 11 – Ilustração da guerra de palmares



Fonte: Ginga Capoeira, 2020

Relatos de historiadores dizem até mesmo que o famoso Quilombo dos Palmares, comandado por Zumbi, contava com a proteção de um exército de hábeis capoeiristas, que foram capazes de defender o quilombo de inúmeras tentativas de invasão dos portugueses.

Mas como será que este jogo-luta-dança foi se chamar “Capoeira”?

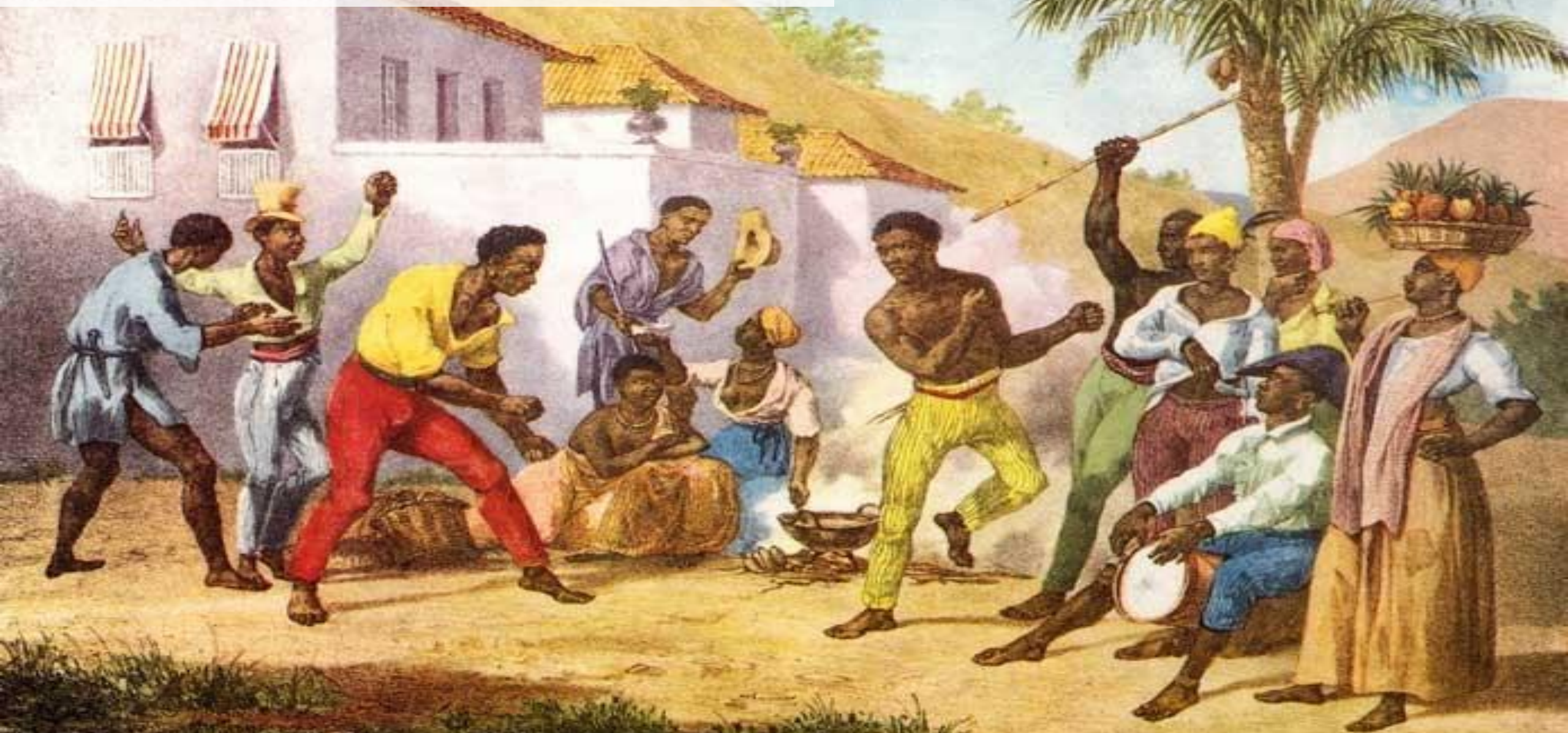


Figura 12 - “Dança de Guerra ou Jogar Capoeira”, Johann Moritz Rugendas

Fonte: Patrimônio em Foco, 2020

A verdade é que existe mais de uma versão para explicar como este termo foi parar dando nome a nossa Capoeira, de modo que podemos apontar três hipóteses principais para a origem do nome Capoeira:

1. “Origem indígena”

Nesta versão, a palavra Capoeira vem da língua indígena tupi, *coó-puera*, que significa mato rasteiro, recém-cortado. Os negros, fugindo das fazendas para treinarem suas habilidades de defesa e ataque e praticarem sua cultura, procuravam justamente locais com essas condições, escondendo, assim, suas práticas dos senhores de engenho e de capatazes. Foram assim chamados de Capoeiras, porque estavam escondidos nas “capoeiras”, ou seja, nos matos dos arredores das fazendas.

2. “Origem portuguesa”

Nesta versão da história, o termo Capoeira teria vindo da palavra de língua portuguesa “*capo*”, que significa saco ou gaiola. A palavra Capoeira teria sido associada aos negros que andavam pelas cidades vendendo aves engaioladas. No período de descanso, esses negros praticavam jogos e lutas que foram depois também identificadas com esse nome.

3. “Origem africana”

Nesta versão, o nome Capoeira teria vindo do termo “*Kipura*”. Na língua africana, quicongo significa “lutar” e também “movimento”, ou seja, esse seria um nome dado pelo próprio povo negro à sua prática de defesa pessoal no Brasil.

Seja qual for a real origem do seu nome, a Capoeira ficou conhecida por todo o Brasil como sinônimo de força e valentia, sendo logo temida por aqueles que queriam tirar proveito do trabalho escravo. As histórias das proezas feitas por capoeiristas ao redor do Brasil eram tantas, que o próprio governo brasileiro, aliado dos traficantes de pessoas escravizadas e senhores de engenho, passou a vigiar e perseguir seus praticantes. Em alguns momentos, até procuravam tirar vantagem das habilidades dos e das capoeiristas. Um caso exemplar dessa procura é a participação decisiva de negros capoeiristas na guerra do Paraguai, ocorrida entre 1864 e 1870. Uma antiga cantiga da Capoeira registra essa passagem na história do Brasil:

Iê
Tava em casa, ô iaiá
Sem pensa, sem imaginá
Quando bateram na porta,
Salomão mandou chamar,
Para ajudar a vencer, o iaiá,
A guerra com Paraguai
(Domínio público)

Porém, nem mesmo a vitoriosa participação de capoeiristas na guerra do Paraguai foi capaz de impedir o racismo e a dura repressão sofrida pela Capoeira. Em 1890, quando foi escrito o primeiro código penal brasileiro, a Capoeira foi considerada como crime pelo governo brasileiro.



Figura 13 – Noirs Luttans. Augustus Earle
Fonte: Rio de Janeiro Aqui, 2020

A CAPOEIRA DO SÉCULO XX AOS DIAS DE HOJE



O final do século XIX e começo do século XX continuaram sendo um período muito difícil para a Capoeira e para os praticantes dessa bela arte. Ainda proibida no Brasil, sofria constante perseguição do governo, o que não desencorajou os capoeiristas ao redor do país, que seguiam cultivando sua cultura.

O racismo, ainda muito forte, impedia que as autoridades do governo e a sociedade em geral reconhecessem o valor da Capoeira.

No mundo da Capoeira, essa era conhecida como a época dos “Valentões”. Desafiando o racismo e as leis injustas de proibição de práticas da cultura afro-brasileira, vários capoeiristas ficaram famosos pelas demonstrações públicas de coragem e habilidade no jogo da Capoeira, usadas muitas vezes em brigas com soldados e capangas do governo.

Figura 14 – Capoeiristas lutando



Fonte: Salve a Malandragem, 2020

A lenda de Besouro “Cordão de Ouro”

Nesta época, nenhum personagem foi mais famoso e lendário do que Manoel Henrique Pereira, apelidado de “Besouro”. Nascido em 1895, na cidade de Santo Amaro, na Bahia, Besouro era um típico cidadão brasileiro negro daquela época. Humilde, trabalhador, ganhava a vida cortando cana nos engenhos locais a troco de pouco dinheiro, sendo muito explorado por seus patrões, que ainda tinham a mentalidade cruel e gananciosa herdada da recém-abolida escravidão.

A grande riqueza de Besouro era sua Capoeira! Ainda menino, o jovem Besouro aprendeu a jogar Capoeira com seu mestre, Alípio, grande referência de sua comunidade, um senhor cheio de experiência, cultura e sabedoria a transmitir para os mais novos.

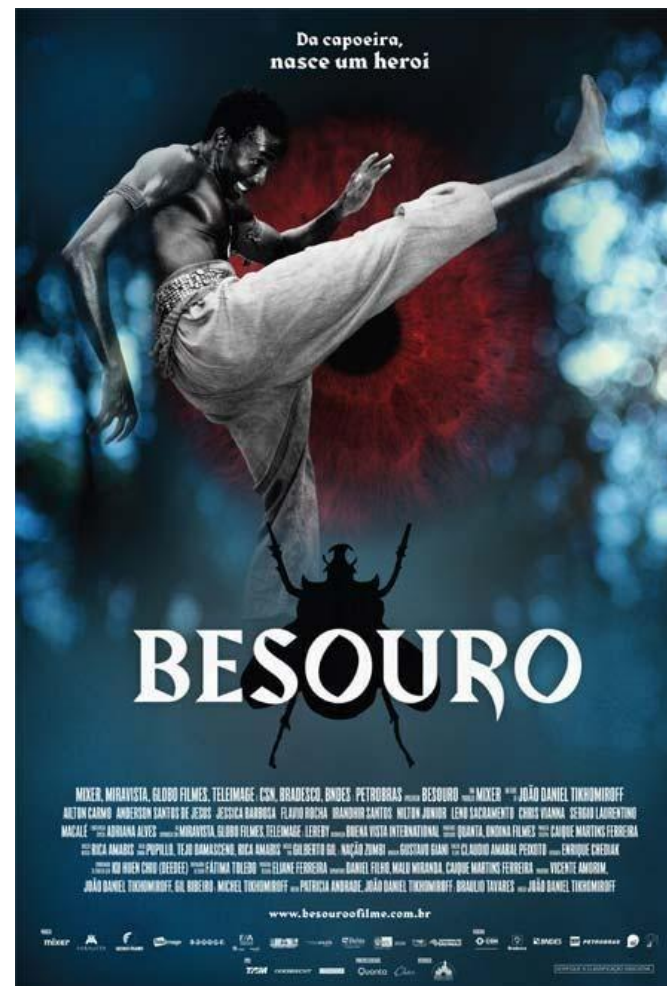
Ao se tornar um jovem adulto, Besouro cultivou com carinho e dedicação os ensinamentos de mestre Alípio, tornando-se um grande capoeirista, conhecido em toda a região do recôncavo baiano por sua habilidade nas rodas de Capoeira e coragem para enfrentar os desmandos e injustiças dos fazendeiros da época.

Sua imensa habilidade foi logo associada a lendas que até hoje são cantadas nas rodas de Capoeira. Diziam que Besouro sabia voar e seu apelido era por conta de seu poder de transformar-se em besouro e sair voando de confusões e emboscadas armadas para pegá-lo.

Entre verdades e lendas, o fato é que Besouro permanece até hoje a maior e mais homenageada personagem do mundo da Capoeira, cantado e celebrado nas rodas ao redor do mundo. Viva Besouro, cordão de Ouro, o herói negro da Capoeira!

Recentemente, Besouro virou até filme de cinema! Quem quiser saber mais sobre sua história, divertir-se e impressionar com seus feitos lendários pode assistir ao filme “Besouro”, lançado em 2009.

Figura 15 – Imagem promocional do Filme Besouro (2009)



Fonte: Besouro, 2020

Em 1930, os capoeiristas conseguem uma vitória importante perante a sociedade brasileira. Ela, 40 anos após a sua proibição no código penal, é considerada uma prática legal, ou seja, permitida pelo governo brasileiro. É o resultado do trabalho de muitos e muitos anos, séculos de luta contra a opressão por parte do povo negro no Brasil, que, de geração em geração, mantém suas tradições e suas práticas culturais, preservando suas raízes. Por isso, se a capoeira chega aos dias de hoje com tanto prestígio, devemos agradecer aos antigos mestres que lutaram por sua preservação com tanta perseverança!

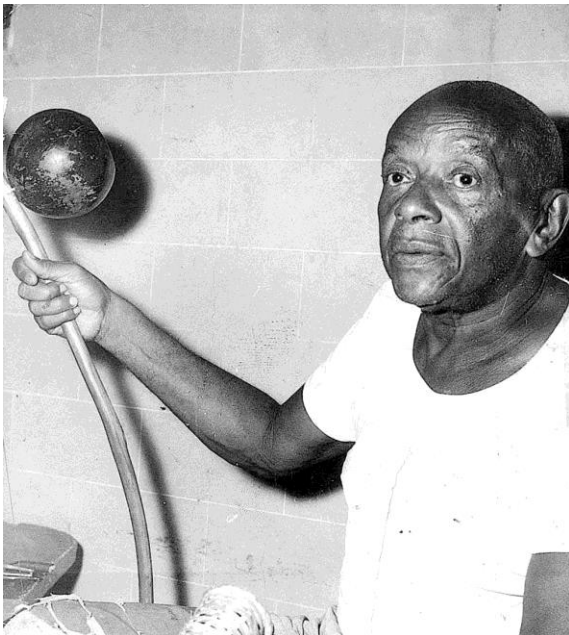
Figuras 15, 16 e 17 – Rodas de Capoeira na Bahia , Pierre Verger



Fonte: Bahia, 2020

Neste momento de valorização da Capoeira, a partir da década de 30 do século XX, dois mestres baianos ganharam grande reconhecimento por seu trabalho de preservação e defesa da Capoeira, reconhecimento que perdura até os dias de hoje, a saber: Vicente Ferreira Pastinha, o mestre Pastinha, e Manoel dos Reis Machado, mestre Bimba. Cantados e reverenciados até hoje nas rodas de Capoeira, Bimba e Pastinha foram fundamentais na história da Capoeira no século XX. Dois capoeiristas que deram uma nova forma a sua arte, pelo fato de ambos terem criado as primeiras academias de Capoeira do Brasil.

Figura 16 – Mestre Bimba



Fonte: Capoeira Regional, 2020

Figura 17 – Mestre Pastinha



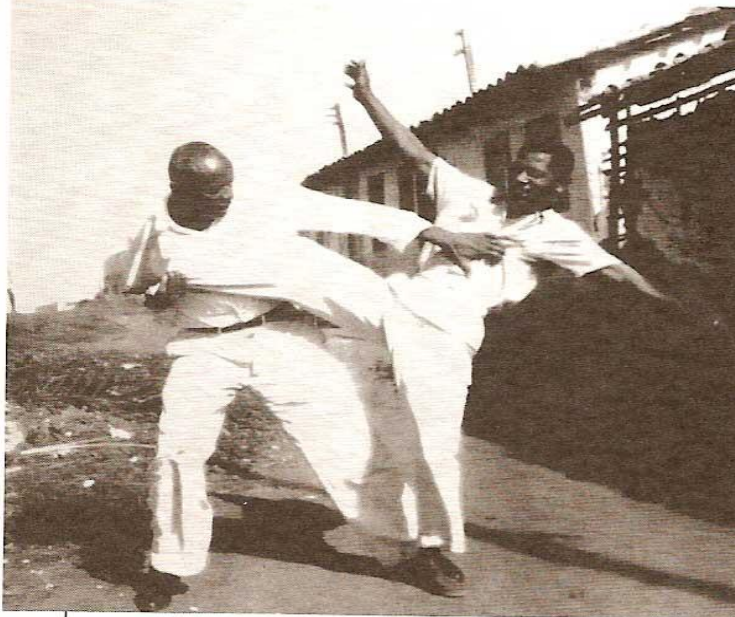
Fonte: Capoeira no Mundo, 2020

Manoel dos Reis Machado, o mestre Bimba, nasceu na cidade de Salvador, na Bahia, em 23 de novembro de 1899. Seu pai já praticava o batuque, uma luta afro-brasileira parecida com a Capoeira, e desde menino Bimba cresceu num ambiente que, embora humilde, era repleto de riqueza cultural.

Logo iniciou-se na Capoeira, tornando-se um habilidoso Capoeirista. No final da década de 20 do século XX, já adulto, mestre Bimba percebe a possibilidade de misturar golpes e movimentos de outras lutas dentro da Capoeira, e cria uma modalidade nova no mundo da Capoeiragem, que ele batiza de luta regional baiana.

Mais tarde, esta nova luta fica conhecida como Capoeira Regional, e mestre Bimba inaugura então, no ano de 1932, a sua academia, aonde passa a ensinar a modalidade de Capoeira que havia criado.

Figura 18 – Mestre Bimba demonstrando um golpe de Capoeira



Fonte: Capoeira Para Todos, 2020

A nova Capoeira criado por mestre Bimba teve um papel muito importante no processo de reconhecimento do valor da Capoeira no Brasil. Chamando a atenção da sociedade e das autoridades do governo pela beleza e agilidade de movimentos, a Capoeira Regional ganha status de esporte nacional.

Neste clima de valorização, a capoeira sai, finalmente, do código penal brasileiro em 1930, sendo permitida em todo o Brasil.

Figura 19 – Mestre Bimba apertando a mão do então presidente do Brasil, Getúlio Vargas (1937)



Fonte: Capoeira de Ouro, 2020

Se mestre Bimba foi fundamental no ganho de prestígio da Capoeira no começo do século XX, mestre Pastinha foi um grande protetor das tradições da antiga Capoeira que se praticava na Bahia.

Nascido em 5 de abril 1889, também na cidade de Salvador-BA, Vicente Ferreira Pastinha, conhecido como mestre Pastinha, aprendeu, aos 10 anos de idade, a Capoeira com um africano de nome Benedito. Muito dedicado aos ensinamentos que recebeu, mestre Pastinha preservou, durante toda a vida, a Capoeira tradicional, que era praticada pelas ruas e praças de Salvador.

Como forma de marcar a ligação dessa Capoeira com as tradições antigas do povo africano no Brasil, mais tarde ela seria chamada de Capoeira Angola.

Seu mais famoso representante, sem dúvida, foi mestre Pastinha, que, em 1941, funda a primeira academia de Capoeira Angola da história, o Centro Esportivo de Capoeira Angola.

Estavam, assim, assegurados o destaque e a importância das tradições antigas da Capoeira.

Figura 20 – Mestre Pastinha jogando na roda (em pé aplicando um golpe)



Fonte: Capoeira Online, 2020

Com o passar do anos, graças ao mestre Pastinha, mestre Bimba, Besouro e tantos outros guardiões deste saber, a Capoeira foi tornando-se uma das mais importantes e reconhecidas expressões da cultura afro-brasileira. Praticada hoje em mais de 160 países ao redor do mundo, ela é hoje cada vez mais reconhecida como uma atividade que muito pode contribuir na vida das pessoas. Além de excelente exercício físico, a riqueza de sua história traz-nos consciência sobre o nosso passado e aponta para um futuro sem racismo e cheio de alegria, música, dança e solidariedade.

Iê, viva a Capoeira Camará!

Referências

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Cultura popular e educação: um estudo sobre a capoeira angola. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, Salvador, n. 11, v. 12, 2007.

A COR DA CULTURA. Disponível em: www.acordacultura.org.br. Acesso em: 2 set. 2017.

AGUIAR, Maciel de. **Zacimba Gaba**. São Mateus: Memorial, 2007.

ARAÚJO, Rosângela Costa. **Iê, viva meu mestre** - a Capoeira Angola da “Escola Pastiniana” como práxis educativa. 2004. 236 f. Tese (Doutorado em Educação) -Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-12052015-143733/en.php>>.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. **Capoeira, art créole**. Disponível em: <<http://revues.mshparisnord.org/cultureskairos/index.php?id=539>>. Acesso em: 2 set. 2017.

ATWOOD, Jane. **Capoeira: A martial art and a cultural tradition**. [S.l.]: The Rosen Publishing Group, 1999.

BÂ, Amadou Hampatê. **A tradição viva**. História geral da África, São Paulo: Ática, 1982. v. 1. p. 167-212.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, n. 1, v. 6, 2007.

BRASIL. Decreto nº 17, de 16 de junho de 2015. Institui o reconhecimento do caráter educacional e formativo da capoeira em suas manifestações culturais e esportivas e permite a celebração de parcerias para o seu ensino nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados. **Diário Oficial [da] União, 17 de jun. 2015**. Brasília, 2015. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=4347380&ts=1567529792893&disposition=inline>. Acesso em: 8 out. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890**. Rio de Janeiro, 1890. Promulga o código penal. Coleção de Leis do Brasil - 1890, Página 2664 Vol. Fasc.X (Publicação Original). Rio de Janeiro, 1890. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 8 out. 2019.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União, 10 jan. 2003.** Brasília: Presidência da República, 2003.

BRASIL. Lei nº. 13.415 de 16 de fevereiro de 2017. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 5.452, de 1.º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. **Diário Oficial [da] União, 17 fev. 2017.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm>. Acesso em: 2 set. 2017.

CASTRO JÚNIOR, Luis Vítor. Oralidades, discursos e saberes do corpo-capoeira como arte. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, n. 3, v. 9, ano 9, set./dez. 2012.3737373737

CASTRO JÚNIOR, Luis Vítor; SANT'ANNA SOBRINHO, José. O ensino da capoeira: por uma prática nagô. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, n. 2, v. 23, 2002.

CONRADO, Amélia Vitória de Souza. **Capoeira angola e dança afro**: contribuições para uma política de educação multicultural na Bahia. 2006. 314 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/358>. Acesso em: 8 out. 2019.

DIAS, Adriana Albert. **A malandragem da mandinga**: o cotidiano dos capoeiras em Salvador na República Velha (1910-1925). 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19807>. Acesso em: 2 set. 2017.

FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; GUIMARÃES, Adriana Coutinho de Azevedo. História da capoeira. **Journal of Physical Education**, Maringá, n. 2, v. 13, 2008. p. 141-150, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. 3.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GLEDHILL, Sabrina. “Velhos respeitáveis”: notas sobre a pesquisa de Manuel Querino e as origens dos africanos na Bahia. **História unisinos**, São Leopoldo, n. 3, v. 14, p. 339-343, 2010.

GOMES, Aline Bragança de Souza; COSTA, Janini Fraga; DAL COL, Marareth Penha. **A rede de atendimento e articulação psicoeducativassocial:** uma experiência do território de Jesus de Nazareth. 64 f. Monografia (Graduação em Serviço Social da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória) EMESCAM, 2015. Disponível em http://www.emescam.br/arquivos/TCCs/Servi%C3%A7o%20Social/2015_2/04_Aline_Gomes_JaniniCosta_MaragareteDalCol.pdf. Acesso em: 2 set. 2017.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e pesquisa**, São Paulo, n. 1, v. 29, 2003. p. 167-182.

HEYWOOD, Linda. **Introdução.** Diáspora negra no Brasil. Tradução de Ingrid de Castro Vompean Fregonez, Thaís Cristina Casson e Vera Lúcia Benedito. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

HOFBAUER, Andreas. **Branqueamento e democracia racial**: sobre as entranhas do racismo no Brasil. Por que “raça”. [S.l]: [s.n.], 2012. p. 151-188.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Titulação**. Confere o título de Patrimônio Cultural do Brasil à Roda de Capoeira. 2008. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Titulacao_da_roda_de_capoeira.pdf. Acesso em: 2 set. 2017.

LESSA, Carlos. Nação e nacionalismo a partir da experiência brasileira. **Estudos avançados**, São Paulo, n. 62, v. 22, p. 237-256, 2008.

MACHADO, Sara Abreu Mata; ARAÚJO, Janja. Capoeira angola, corpo e ancestralidade: por uma educação libertadora. **Horizontes**, São Paulo n. 2, v. 33, 2015.

MACHADO, Sara Abreu da Mata. **Saberes e fazeres na capoeira Angola**: a autonomia no jogo de muleekes. 2012. 241 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

MATTOS, Wilson Roberto de. Valores civilizatórios afro-brasileiros na elaboração de currículos escolares: ensaiando pressupostos. **Diversidade na educação**, Brasília 2003.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de letras da UFF-dossiê: literatura, língua e identidade**, Niterói, v. 34, p. 287-324, 2008.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 62, p. 20-31, 2015.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira, identidade e gênero**: Ensaio sobre a história social da capoeira no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. Reterritorialização africana no Brasil: continuidades e invenções de processos civilizatórios afrodescendentes na diáspora ausente nos livros didáticos da história. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo-RS. HISTÓRIA E MULTIDISCIPLINARIDADE: TERRITÓRIOS E DESLOCAMENTOS. **Anais...** São Leopoldo-RS, 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. **Inscrição, 26 de novembro de 2014**. Inscrição da Capoeira na Lista Representativa do Patrimônio Imaterial da Humanidade. 2014. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/intangible-cultural-heritage-list-brazil/capoeira/>. Acesso em: 2 set. 2017.

OLIVEIRA, Luiz Fernandez de; LINS, Mônica Regina Ferreira. Por uma desobediência epistêmica: sobre lutas e diretrizes curriculares antirracistas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, Uberlândia, n. 13, v. 6, p. 365-385, 2014.

PENNA, Camila. Paulo Freire no pensamento decolonial: um olhar pedagógico sobre a teoria pós-colonial latino-americana. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, Brasília, n. 2, v. 8, p. 181-199, Brasília, 2014.

RÊGO, Waldeloir. **Capoeira angola**: ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Editora Itapua, 1968.

REIS, Leticia Vidor de Souza. A capoeira: de “doença moral” À “gymnástica nacional”. **Revista de História**, São Paulo n. 129/131, p. 221-235, 1994.

RODRIGUES FILHO, Guimes. FUSCONI, R. **A revolução do berimbau e a Lei 10.639**. Rio de Janeiro: Cadernos CEAP, 2012.

SANTOS, Clézio. **O uso dos desenhos no ensino fundamental**: imagens e conceitos. Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa. São Paulo: Contexto, 2002.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas: Autores associados, 2018.

SILVA, Renata de Lima; NGUZ'TALA, Tata. **Capoeira angola**: imaginário, corpo e mito. [S.l.]: [s.n.], 2011.

SILVA, Roberto Jardim da. Um diálogo entre a Lei nº 10.639/03 e o pensamento filosófico do camaronês Marcien Towa. **Identidade!**, São Leopoldo, n. 2, v. 18, p. 138-151, 2014.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A guarda negra: a capoeira no palco da política. **Textos do Brasil**, p. 50-51, 2008.

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba**: corpo de mandinga. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

VALE, Elis Regina Feitosa do. **Capoeranças em verso e prosa:** imagens da força matrial afro-ameríndia em literaturas da Capoeira angola. 2012. 377 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

WERNECK, Jurema. **Da diáspora globalizada:** Notas sobre os afrodescendentes no Brasil e o início do século XXI. [S.l.]: ONG Criola, 2003.